

Interpretação de desenhos infantis¹

Interpretation of children's drawings

Anna Kattrin Kemper

I – INTRODUÇÃO E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

A – Introdução

1 – Considerações gerais

2 – Indicações gerais da técnica

B – Princípios fundamentais ligados aos desenhos dos 2 aos 4 anos de idade.

C – Princípios fundamentais ligados aos desenhos dos 4 aos 6 e dos* 6 aos 12 anos de idade.

D – Aspectos especiais dos desenhos das crianças de 3 aos 14 anos de idade.

II – A SIGNIFICAÇÃO DAS CORES

III – AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

A – Considerações gerais

B – Símbolos originais elementares e típicos

C – Símbolos animais

D – Símbolos vegetais

E – Símbolos numéricos.

IV – MANIFESTAÇÕES DAS ESTRUTURAS NEURÓTICAS NOS DESENHOS INFANTIS

1. Notas de Seminários 1957.

I – INTRODUÇÃO E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

A – Introdução

1 – Considerações gerais

Os desenhos infantis são representações que, a nosso ver, devem ser consideradas, na terapia analítica, como equivalentes aos sonhos. Estas representações oferecem não só indicações de um determinado tipo de estrutura, como exprimem também – e do mesmo modo variável dos sonhos – impulsos conflituosos e situações traumáticas, tanto atuais como passadas.

Achamos que as indicações psicológicas do desenho infantil, especialmente do ponto de vista de que se trata de produções observadas em estado nascente, em que vivências primárias e reações ingênuas se representam, em geral, com toda a intensidade, oferecem um meio analítico e terapêutico tão valioso como as dos sonhos.

Os conteúdos psicológicos do desenho têm, especialmente por isso, tanto maior valor, porque de um modo geral, as crianças levam, raramente, sonhos na terapia. Os sonhos típicos que elas comunicam prevalentemente, são os pesadelos, que se gravam, apesar de toda resistência, pela intensidade da angústia; ou, então, sonhos de caráter supercompensatórios, porque correspondem às imagens desejáveis.

O fato de a criança, em comparação com o adulto, não ter tanto interesse em rememorar os sonhos – especialmente os de caráter destrutivo – encontra já suficiente explicação na própria situação psicobiológica. A circunstância de a criança em terapia analítica ser intensamente vítima das vivências vagas-subjetivas, como também – muitas vezes, das objetivamente condicionadas – torna também evidente sua tendência a reprimir sonhos vividos como perigosos². Além disso, a comunicação de sonhos complicados ultrapassa, muitas vezes, a capacidade de linguagem da criança, enquanto a comunicação desenhada (como expressão muda), encontra menos reações defensivas.

A nosso ver, os conteúdos psicológicos do desenho compensam, na criança, os limites gerados pela resistência relacionada à comunicação dos sonhos.

As considerações expostas a seguir transmitem um outro ponto de vista que mostra também o valor do desenho infantil como meio terapêutico.

As comunicações verbais estão submetidas na análise infantil, a diversas dificuldades. Como foi notado, a criança não sabe se exprimir suficientemente por palavras; além disso, sentindo-se vítima no confronto com o adulto (tera-

2. Uma criança de 7 anos me disse: “Eu rezo todas as noites para não sonhar”.

peuta) – como representante de autoridade – reage, muitas vezes, passivamente na comunicação verbal. Diferentemente disso, as expansões manuais permitem uma reação ativa. Os desenhos, como expressões manuais e mudas permitem à criança, na terapia, não só uma expansão produtiva de caráter espiritual, mas também, de modo intenso, um “enfrentamento” emocional afetivo. Visto sob esse prisma, torna-se evidente, que os desenhos animam a comunicação ativa, transmitindo ao mesmo tempo a criança, a vivência de ações produzidas pela própria capacidade.

Como equivalente ao processo associativo relacionado aos sonhos, temos na criança, as atitudes significativas e as palavras proferidas durante a representação dos desenhos.

2 – Indicações gerais da técnica

A condição principal para que uma criança possa desenhar, representa um certo grau de desenvolvimento espiritual, especialmente da fantasia imaginativa, ligado à habilidade manual.

Material

O papel branco se mostra mais neutro que o de qualquer cor. Ele evita a influência estética e afetiva nas representações, especialmente na escolha das cores.

Para diminuir ao mínimo possível a influência estimulante, parece indicado expor à criança as seguintes cores, em guache ou aquarela:

Vermelho
Azul
Amarelo
Preto
Branco
Verde
Roxo

Além disso:

Potes para misturas
Pincéis de tamanhos diferentes
Água
Lápis comum e de cor.

Não parece indicado oferecer réguas e borrachas, que podem bloquear a espontaneidade, ou animar as tendências ambiciosas e obsessivas.

A mesa para desenhar deve permitir bastante extensão como também a possibilidade de sujar.

Aproveitamento

Além dos momentos já comunicados, o aproveitamento das indicações percebidas no desenho infantil, exige o controle dos estímulos, das imitações, das identificações ou de outras incitações que podem levar a criança a se esforçar.

Apenas as reações espontâneas onde influem só poucos estímulos servem como material indicativo. Os estímulos que prejudicam o valor dos desenhos, são especialmente representados pela tendência a cópia, ou por outros modos de se encostar e se submeter. Representações que impressionam no sentido extremamente ambicioso ou identificatório precisam de um controle especial.

Análise

A análise do desenho será feita, considerando, principalmente:

- a – As condições primárias, como sejam a qualidade dos riscos, das formas, o grau e o modo de expansão no espaço;
- b – a expressão das cores;
- c – as significações simbólicas especiais.

B – Princípios fundamentais ligados aos desenhos dos 2 aos 4 anos

As considerações seguintes, relacionadas à qualidade dos riscos, à expressão das formas e à expansão do espaço da folha, são derivadas das pesquisas grafológicas feitas durante muitos anos. Segundo minhas experiências, a aplicação de certos princípios fundamentais da grafologia no aproveitamento psicológico dos desenhos infantis, possibilita não só uma ampliação positiva, como também um intenso controle.

As primeiras experiências da criança pequena, no desenho, exprimem-se por movimentos de rabiscar, sem direção definida, à semelhança das expressões motoras descoordenadas.

Os primeiros movimentos dos riscos são geralmente duros. As formações dos desenhos são aludidas e desproporcionadas. Só com treinamento sucessivo se manifestam movimentos e formações proporcionais.

O decurso dos riscos é da esquerda para a direita e, em geral, mais acentuado vertical do que horizontalmente. Tal fato também se verifica nos canhotos não perturbados.

A força dos riscos é, em geral, acentuada. Isto, além de possivelmente traduzir uma expressão de vitalidade, vem também do fato de que a criança, num certo sentido, agarra-se ao papel. Este modo de agarrar-se poderia explicar também por que os riscos de crianças pequenas mostram, muitas vezes, interrupções abruptas. O desenvolvimento progressivo da força dos riscos é lento e alcança, em geral, só parcialmente, certa estabilidade, perto dos 4 anos.

O desenvolvimento das formas, no início, só se apresenta como tentativas de formas fechadas, semelhantes às espirais, ovais, triângulos, círculos e cubos. Na representação de formas ovais e espiraladas trata-se, muitas vezes, nesta idade, de tentativas de formas arredondadas não conseguidas. Considerando-se a evolução das imagens intensas e plásticas da criança pequena, as formas arredondadas, mesmo se só conseguidas aludidamente, impressionam como formações fantásticas, que se desenvolvem depois como representativas, por exemplo, de nuvens, folhas, flores, etc. As formas de cubos e triângulos modificam-se, sucessivamente, em formações que lembram casas e seus conteúdos. A ligação das formas lineares, angulosas e arredondadas, traduz-se, mais tarde, especialmente na representação de árvores ou nas alusões a elas, bem como a ligação de formas arredondadas e cúbicas transformam-se, principalmente, em representações de seres humanos e animais.

A expansão no espaço da folha, no começo, manifesta-se limitada e, depois, amplifica-se, dependendo da idade e de um certo grau de treinamento.

Outras características. O desenho de criança de 2 a 4 anos é, em geral, mais sujo, exprime pouca harmonia e mostra, prevalentemente, somente formas aludidas, sendo assim de supervisão e compreensão mais difícil, do que o desenho de épocas posteriores.

As expressões desenhadas da criança pequena representam um processo de assimilação. Da aplicação desse conceito, podemos compreender o motivo pelo qual o desenho espontâneo de árvores e casas, seres humanos e animais, só será conseguido, em geral, perto ou depois dos quatro anos de idade.

Dos dois aos 3 anos e meio faltam também, em geral, pormenores significativos concretos, nas representações. Este fato torna evidente que o desenho espontâneo mostra, em geral, perto dos 3 anos, um caráter de expressão arcaica, como que desadaptado, desintegrado.

Em consideração ao fato de que a criança pequena está submetida intensamente a imagens mágicas, porque se sente muito restringida quanto à possi-

bilidade de se realizar concretamente, torna-se também evidente que muitos desenhos de crianças pequenas impressionam como forma abstrata.

C – Princípios fundamentais ligados ao desenho dos 4 anos 6 e dos 6 aos 12 anos

Decurso dos riscos – Entre os 4 e os 6 anos vêm a ser conseguidos movimentos relativamente bem dirigidos. Dos 6 aos 12 anos, o decurso dos riscos manifesta-se, em geral, como mais dominado e elástico do que antes.

A força dos riscos se exprime depois dos 4 anos mais elástica do que antes e ganha, em geral, com cada ano, mais firmeza.

O desenvolvimento das formas se apresenta correspondente às exigências da adaptação real da criança de 4 e mais anos, muito mais óbvio e correto, do que em tempo anterior. Além disto ficam as formas, consideradas no aspecto concreto-naturalístico, bastante limitadas, em geral, até 8 e mais anos.

A expansão no espaço, também compreendida como composição do desenho, torna-se, em geral, mais proporcionada e harmoniosa perto dos 6 anos e daí em diante.

A capacidade de desenhar da criança em proporções aproximadamente equilibradas, nas representações espontâneas, mostra-se relativamente rara. As desproporções têm, em geral, um caráter superdimensional, ou acentuadamente pequeno e apertado.

Formas harmoniosas só se mostram, antes dos 11 anos, parcial e excepcionalmente. Uma criança talentosa pode demonstrar sua capacidade artística pelas desproporções.

As primeiras representações de homens e animais começam, como já foi dito, em geral, ao redor dos 4 anos, sob formas de riscos e quadrados que, sucessivamente, se tornam formas arredondadas e ovais. Estas vão se tornando a cada ano mais semelhantes aos modelos, conseguindo-se aproximações relativas, em geral, só depois dos 11 anos.

Até aqui tratamos dos componentes típicos dos desenhos infantis, tanto relacionados com o desenvolvimento normal, quanto com aquele fora das normas. Do mesmo modo que, numa composição musical, a dissonância pode corresponder a um caráter individual compreensível da música, sem ser uma dissonância normalmente incompreensível, também as representações extremas (dissonantes) do desenho infantil podem corresponder à individualidade ou a um desenvolvimento patológico.

D – Aspectos especiais dos desenhos das crianças de 3 aos 14 anos.

Baseados nos princípios fundamentais até aqui expostos, vejamos alguns exemplos ilustrativos das indicações possíveis nos desenhos infantis. Os aspectos citados nos pontos 4, 5, 6 e 9 ultrapassam em parte a matéria já tratada e são aqui levadas em conta por sua ligação adequada ao capítulo.

1 – Tendência extra e introvertida

Expansões horizontais acentuadas indicam tendências extrovertidas e as expansões verticais acentuadas indicam tendências introvertidas. Outros indícios para a orientação mais extrovertida são representadas pelos movimentos e formas abertas, assim como para uma orientação mais introvertida se representa pelo contrário.

2 – Capacidade de adaptação

A aplicação predominante das partes direita e esquerda da folha, aliada às representações prevalentemente verticais, como também movimentos e formas intensamente exagerados, indicam limitações da capacidade de adaptação; enquanto composições relativamente equilibradas, isto é, sem acentuações muito extremas, indicam a existência de tal capacidade.

3 – Distúrbios intensos de ligações objetais

Acentuado espírito de contradição, reações intensamente lábeis e de caráter pseudológico, que limitam fortemente as ligações objetais, são indicados por movimentos dos riscos finais que aparecem da direita para a esquerda; pela acentuação dos movimentos verticais; pelo fingimento de perspectivas (representações espelhadas); por composições extremamente desequilibradas e formas de caráter muito caprichoso, ou, em parte, fantástico demais.

As representações típicas de seres humanos ilustram, mais do que as outras formas desenhadas, as reações significativas para as relações ambientais. Por exemplo: a representação por riscos das figuras humanas é normal até os 7 anos; nas crianças de 7 ou mais anos, pode indicar fixações intensas e até reações regressivas.

4 – Representações das figuras identificatórias de tipo princesa ou príncipe, correspondem, muitas vezes, a fixações narcísicas.

5 – Representações de super-homens e figuras em grandes dimensões, especialmente de caráter identificatório, significam a necessidade intensa de supercompensação.

6 – Representações de moças e mulheres, tipo fálico, podem indicar para meninas, tendências extremamente dominadoras; para meninos, dependendo do caso, fixações maternas intensas ou reações feminoides.

7 – Perturbações motoras (Ex: gagueira e tiques) manifestam-se especialmente pelas deslocalizações da força dos riscos; por movimentos de riscos finais repetidamente da direita para a esquerda; pelo decurso do risco, repentinamente interrompido; pela aplicação predominante da parte esquerda da folha; por formações e formas extremamente desequilibradas e às vezes pelas representações espelhadas.

8 – Fatores patológicos intensos são especialmente anunciados por interrupções acentuadas dos riscos (Ataxia), muitas vezes, repetidas; por movimentos acentuados de tremor; por deslocamento extremo da força dos riscos e pelas formações intensamente desproporcionadas, de caráter vago, pesado e ameaçador. De modo especial tornam-se, assim, muitas vezes, transparentes a angústia paranoide e depressiva, como também reações fóbicas³.

9 – Expressões típicas do desenho na puberdade

A puberdade com seu pré-estado (entre 9 e 13 anos) se exprime a nosso ver, intensamente, no desenho. Não só as reações lábeis típicas para esse tempo, como também a mobilização intensa dos impulsos sexuais, inclusive a remobilização dos impulsos edipianos, podem ser registradas nas representações desenhadas. Por exemplo: impressiona a labilidade dessa época pelos contrastes grandes nos diferentes aspectos das representações, durante uma série de desenhos, especialmente pelo desequilíbrio nas dimensões das formas e pelas representações de figuras supergrandes, muitas vezes, seguidas de outras de tamanho superpequeno. O caráter de impressão arcaica do desenho também, muitas vezes, demonstrado, indica a revolução emocional dessa época.

Os sinais de mobilização sexual se encontram, especialmente, na intensidade das representações fálicas, assim como, por exemplo, pelas pernas muito compridas, bustos superpontudos, como também pelas figuras de expressão vulgar, tipo “vamp”, vagabundo, sereia e outras indicações simbólicas que serão tratadas mais tarde.

No sentido geral se exprime a situação da puberdade pela representação de luzes escondidas, clandestinas, especialmente pelas lanternas que, em geral, não estão concretamente ligadas ao tema do desenho. Um momento significativo para esse tempo oferece-se também pelas representações de aventuras de modo fantástico.

3. No último trecho de nosso trabalho, serão tratadas de maneira mais pormenorizada e focalizados os componentes significativos das diferentes estruturas, indicados pelos desenhos infantis.

10 – Expressão ingênua no desenho infantil

O caráter ingênuo ou a sua falta, a nosso ver, exige uma consideração especial. Por exemplo, a expressão ingênua no desenho de uma criança dinâmica e relativamente equilibrada até 10 anos, indica valores positivos; enquanto a expressão ingênua de uma criança com reações de forma débil mental, representa-se muito diferente, determinando, muitas vezes, decisivamente o diagnóstico anunciado por outras indicações. Certas fixações pré-infantis tornam-se, às vezes, evidentes por uma ingenuidade de caráter superexpectativo, no desenho. Por exemplo: as representações fantásticas, especialmente de indícios orais e anais.

As representações caricaturísticas de modo clandestino ameaçador, como por exemplo, rostos de palhaços tristes, velhos ridículos, porém impressionando como perigosos; anões e gigantes que, além da expressão cômica, têm também aspecto zangado, amargo a irônico, são representações que falam contra a existência de ingenuidade e correspondem às vivências angustiosas ou à defesa contra elas. As representações caricaturísticas desenhadas de modo ingênuo, engraçadas, exprimem, em geral, a superação das vivências vagas e persecutórias e correspondem, só às vezes, prevalentemente a um estilo artístico.

Desenhos de crianças até 10 anos, de expressão continuamente séria, pesada, em que faltam representações ingênuas, indicam fixações neuróticas, especialmente um desenvolvimento precoce.

Apesar de tudo o que foi referido com relação às indicações especiais, precisamos, em todos os momentos, do aproveitamento dos conteúdos psicológicos do desenho infantil, a variabilidade das indicações possíveis e a determinação em sentido duplo. Por exemplo: podem indicar as representações das figuras superdimensionais a estrutura depressiva, mas podem ser também representativas de tendências obviamente dominadoras, ou podem corresponder a uma mistura de ambos os fatores. As indicações psicológicas percebidas no desenho infantil, exigem sempre – como se mostra necessário, em geral, nas verificações de um só setor o controle global. A verificação dos conteúdos psicológicos em alguns desenhos apenas, não permite, como a análise de sonhos separados, conclusões sérias. Apenas a consideração dos dados genéticos do paciente possibilita indicações concretas.